

CLIPPING IMPRESSO

18/08/2019

INDICE

1. ASSESSORIA	
1.1. JORNAL PEQUENO.....	1 - 3
2. DESEMBARGADOR	
2.1. JORNAL PEQUENO.....	4 - 5
3. INSTITUCIONAL	
3.1. JORNAL PEQUENO.....	6
4. PRESIDÊNCIA	
4.1. JORNAL PEQUENO.....	7
5. UNIDADES ADMINISTRATIVAS	
5.1. JORNAL O IMPARCIAL.....	8

RODRIGO MAIA

Lei só atinge quem passa do limite



RODRIGO MAIA: "SEM PROBLEMA PARA QUEM RESPEITAR"

O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, disse que o projeto de lei de abuso de autoridades, aprovado na última quarta-feira (14), só vai causar dificuldades para servidores públicos que extrapolam os limites de suas funções. "Não tem problema para quem não passa do limite das leis", enfatizou após palestra sobre a reforma tributária em evento promovido pelo Grupo Líderes Empresariais (Lide).

Maia disse ainda que o texto, de autoria do senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), foi amplamente debatido no Congresso. "O projeto de abuso [de autoridades] gera uma polêmica para quem não leu. Esse projeto foi discutido, foi debatido, atinge os Três Poderes", acrescentou. O texto foi encaminhado para sanção do presidente Jair Bolsonaro.

A aprovação do PL 7596/17 provocou reações de associações de juízes e procuradores, como as associações Nacional dos Procuradores da República (ANPR); dos Juízes Federais do Brasil (Ajufe) e dos Magistrados Brasileiros (AMB).

Para as associações de juízes, a amplitude do texto coloca em cheque a independência do Judiciário, ao intimidar a atuação da magistratura. Elas prometem mobilizar a opinião pública em prol do veto presidencial, e planejam encaminhar à Casa Civil pareceres técnicos para embasar o veto.

Nós fizemos [o projeto] ouvindo também aqueles que hoje criticam. E criticam muito mais para dar uma satisfação interna", rebateu Maia as críticas contra o projeto. "As associações, da mesma forma que os deputados, são eleitas. E quem é eleito precisa dar satisfação aos seus eleitores", disse ao comentar as reclamações contra o texto.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br



O capital quer ocupar o lugar do homem

Acessar o subterrâneo da obra de Guimarães Rosa, em sua complexa teia subjetiva, é tarefa sempre incompleta, mas iluminadora sobre a força de uma literatura que se traduz na duplicidade entre o regionalismo e o universal, tendo como argumento central o próprio fazer literário.

Com suas estratégicas linguísticas, Guimarães Rosa – como bom mineiro – come o angu pelas bordas, deixando pistas para desvelar o que é velado, clamando pela revelação. Ler o povo brasileiro na sua obra é vivenciar o humanismo e ser tocado a compreender a multifacetada realidade brasileira.

Sua principal obra – “Grande Sertão: veredas” – nasceu do pó da terra que constitui o Brasil. Embora alguns insinuem uma resistência de Guimarães Rosa à manifestações de cunho político, é importante proclamar que o fazer literário do escritor mineiro faz as vezes de seus manifestos, com enorme vantagem.

Infelizmente, no atual momento brasileiro, não se parece cumprir o que Guimarães Rosa esperava para o século XXI, uma vez que a chamada ‘brasilidade’ que ele tanto falava está em baixa, num momento em que as ações do capital querem ocupar o lugar da arte e do homem, ficando cada vez mais distantes os prognósticos do escritor.

A última palavra de sua obra “Grande Sertão: Veredas” é a que liga o fio do tempo, o passado e o presente, de um Brasil que, tanto antes como agora, é o país que poderia ter sido, mas nunca foi. A “jagunçagem”, para usar um termo do autor, é uma forma política presente no país e nos coloca diante de enormes contradições.

É somente renovando a língua que se pode renovar o mundo. Foi com esse intuito que Guimarães Rosa se entregou de corpo e alma à tarefa de revitalização da linguagem, vista por ele como verdadeira missão.

Em tempos de polarização política e consequente emburrecimento dos extremos, seria bom aprendermos algo mais com Guimarães Rosa, cuja obra envolve inteiramente os que se atrevem a lê-lo.

Ele joga luzes sobre as sombras da alma humana, revelando as contradições presentes na feitura do homem, não com o espanto de quem não conhece nem a si próprio, mas, sim, como um verdadeiro médico que conhece as dores mais profundas, tanto as suas como as daqueles que se forem vistos com um olhar descuidado passam por sadios, normais e comuns.

Enquanto Gilberto Freyre usava o símbolo de um entrelaçamento harmonioso entre senhores e escravos, Guimarães Rosa acentua em sua obra o antagonismo entre os donos de ‘casas grandes’ e os que moram em casebres nas ‘veredas’.

“Grande sertão: veredas” versa sobre a ausência de diálogo entre os ricos e os pobres. Não se trata da diferença entre um Brasil sertanejo e um Brasil urbano, até porque hoje nas favelas das grandes cidades esses ‘dois Brasis’ se misturam. Trata-se, na verdade, da falta de diálogo entre a classe dominante e as classes populares.

O estilo literário utilizado por Guimarães Rosa marcou época por suas inovações de linguagem, que unem falas populares e regionais à cultura erudita do autor.

O resultado dessa mistura, um tanto especial, foi a criação de novos vocábulos e de um estilo próprio de escrita que intriga e é objeto de vários estudos e pesquisas.

Guimarães Rosa foi e continua sendo um escritor único, singular. Sua escrita, sua linguagem, sua obra, sua maneira de contar uma história não encontram paralelo em nenhum lugar do mundo. Essencialmente brasileiro, Guimarães Rosa é uma joia preciosa da literatura nacional.

Espionagem

O ministro aposentado do STF, Carlos Velloso, declarou que os vazamentos de conversas entre Sérgio Moro e Deltan Dallagnol não devem virar trunfos para os acusados pela Lava-Jato, tampouco para enfraquecer as investigações contra a corrupção, já que tais provas colhidas via grampos são ilícitas. A Constituição não admite provas ilícitas. Em suas conversas, Moro e Dallagnol não estavam armando para ganhar propina. Era só para prender bandido mesmo. Quando o assunto é arapongagem, os inexperientes devem lembrar um antigo conselho de Tancredo Neves. O político mineiro repetia uma frase instigante. “Só fale por telefone aquilo que você pode falar em público”. Faz sentido.

Desdobramentos

O Brasil definitivamente entrou no mundo da espionagem. Além de Sergio Moro e Deltan Dallagnol – cujas conversas vieram à tona com a contribuição de um estrangeiro – outras personalidades dos três Poderes também estão sendo objeto de espionagem virtual através de acesso às mensagens compartilhadas em seus celulares. Tais fatos ainda terão muitos desdobramentos. Mas há outro aspecto a ser visualizado. Toda espionagem comporta a contraespionagem. E esta também virá e pegará fogo. É uma questão de tempo e de “inteligência”.

Privacidade

Privacidade custa caro. O Facebook acaba de selar um acordo de US\$ 5 bilhões com o governo americano pelos

dados vazados pela consultoria política Cambridge Analytica e mais US\$ 100 milhões ao órgão regulador de mercado e capitais americano, por vazamento de dados. Infelizmente não temos cultura de dados no Brasil. Fornecemos nosso CPF, RG, endereço e telefone a qualquer pesquisa de rua ou ligação telefônica, facilitando o uso dos nossos dados para fins escusos.

Perseguição

É na irrerealidade da fantasia fascista que os líderes mentem e promovem a perseguição a cientistas e universidades, o “anti-intelectualismo” descrito por Stanley. Não sem razão que o presidente do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais do Brasil foi demitido após demonstrar o crescimento de 40% no desmatamento da floresta Amazônia nos últimos doze meses. É um dado alarmista e, por isso, “antinacionalista”. Mas, inesperadamente, pode ser a Amazônia a oferecer o salva-vidas a um país em naufrágio pelas políticas fascistas.

Amazônia

As árvores da Amazônia estão caindo, líderes indígenas estão sendo mortos e os cientistas são proibidos de divulgar dados que provam o vertiginoso crescimento do desmatamento. No lugar de cientistas sérios, assumem burocratas subservientes que concordam com a censura governamental que exige que “dados alarmistas” serão revisados pelo Governo antes de serem públicos.



Graciliano Ramos: Vidas imortalizadas em palavras

Durante a segunda época do Modernismo brasileiro surge no meio literário o escritor e jornalista Graciliano Ramos, autor de obras fortemente existencialistas, escritas em tom confessional, retratando o interior dos seres em conflito por ângulos de aguda perspicácia.

Vidas imortalizadas em palavras, são sustentadas na linguagem do escritor e jornalista alagoano, cujas personagens e ações são contemporizados, surgindo sempre novas ficções, novas realidades, por ângulos os mais surpreendentes.

Incentivador do romance intimista, com a atenção voltada para os dramas existenciais, Graciliano Ramos escrevia filtrando a memória desconfortável da condição humana, eliminando tudo que não é essencial.

Lutava sem trégua com as palavras e dizia que só é possível colocar no papel os nossos sentimentos, a nossa vida, sendo as personagens pedaços dos seus próprios inventores.

Para Graciliano Ramos, a literatura, não se encerra na pretensa pureza do que se chama obra, que não é outra coisa senão experiência e movimento da própria vida.

(ANTÔNIO CARLOS LUI - JORNALISTA)



Coluna Vip

Rosenira Alves

roseniraalves8@gmail.com

Elimar Figueredo, a grandeza de chegar aos 90 anos de vida

Primeira procuradora-geral de Justiça do Ministério Público do Maranhão pós- Constituição Federal de 1988, Elimar Figueiredo de Almeida e Silva chega aos 90 anos esbanjando saúde, alegria, vitalidade e disposição para seguir brilhando. E foi nesse clima de harmonia e felicidade, que ela celebrou a nova idade, no último dia 3 deste mês, com os amigos do MP, da Justiça, familiares e uma legião de fãs que a admiram pela sua inteligência e capacidade para buscar novas conquistas. Personalidade que desenvolveu um importante e aplaudido trabalho no

Ministério Público do Maranhão ao longo de quatro décadas de intenso labor, a procuradora aposentada, atualmente faz palestras em academias, universidades e congressos, além de ser um referencial para todos os seus colegas do Parquet. Segundo o Procurador Geral de Justiça, Luiz Gonzaga Martins Coelho, presente à festa, Elimar Figueredo é um divisor de águas na história do Ministério Público, em um tempo de afirmações democráticas, tendo ocupado com dignidade todos os cargos. Confira nas fotos do consagrado Meireles Júnior.

MEIRELES JÚNIOR



Os três Poderes, Secretário-Chefe da Casa Civil, Marcelo Tavares, desembargador Jorge Rachid e o deputado Neto Evangelista



Linda imagem da família Almeida e Silva

José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luiz.almeida@globo.com / www.joseluizalmeida.com



SIC TRANSIT GLORIA MUNDI

A glória do mundo é passageira, como diz o brocardo latino que tomei de empréstimo para o título desse artigo. Nesse sentido, só um tolo - que não é meu caso - se ilude com o poder, pois o que se vive nele é absolutamente efêmero. Tenho dito isso, repetidas vezes, a reafirmar a minha convicção, que a salvação da alma está fora do poder.

Ou, noutro giro, a salvação da alma não está no exercício do poder, conquanto admita que haja os que, embevecidos em face do poder, imaginam que o seu exercício salvará a sua alma; e nessa perspectiva, perdem a noção e os limites de sua ação.

A verdade é que a vida acelera, e o tempo passa com uma rapidez que só não impressiona os que, por qualquer razão, perderam o rumo, a direção, o discernimento.

A vida acelera, repito, e nós vamos juntos - sem opção, por não termos o poder de impedir a passagem inevitável do tempo. E assim, a vida se esvai, levada pelo tempo, inapelavelmente.

É preciso, pois, estar preparado para, inevitavelmente, deixar a ribalta para os novos atores; e que sejamos capazes de agir, nesse sentido, por vontade própria, antes que o façamos vergastados pelas leis da natureza, as quais, conforme sabemos, não fazem nenhuma concessão acerca dessa questão.

O tempo, indomado, a(quase) tudo destrói; só não destrói a nossa história, o que edificamos - de bom ou de ruim. Logo, a única certeza que tenho, portanto, é a de que, ao fim e ao cabo, só restará mesmo aquilo que construímos, que deixamos para as gerações futuras: o bom exemplo, a boa conduta, a retidão e o caráter.

E assim, a cada dia, a cada momento, aqueles que exercem o poder com aptidão, com abnegação, com devoção, com os olhos voltados apenas para as suas finalidades precípuas, vão construindo a sua história, sedimentando o seu legado para as gerações futuras.

Nesse sentido, a história que cada um de nós escreve pode ser uma boa ou má história. Tudo depende da maneira como exercemos o poder e se, nesse sentido, formos capazes de deixar bons exemplos nos quais as futuras gerações possam buscar inspiração.

Quero, sim, ser lembrado, no futuro, como um magistrado que pelos menos tentou ousar, romper os paradigmas, que abriu mão de nacos do poder, que a tantos fascina, em defesa de suas convicções, na firme compreensão de que não vale o poder a qualquer custo.

Eu não quero ser lembrado como um magistrado capaz de qualquer ação ou omissão para pavimentar o caminho que possa me levar ao poder.

Eu faço a minha história. E cada um, por óbvio, faz a sua. Umas mais e outras menos relevantes; algumas mais ou menos dignas. Mas, ainda assim, história, em razão da qual todos nós um dia seremos lembrados. Triste daquele que passa pelo poder e não constrói uma história digna. Triste dos que pensam que o poder é apenas um instrumento de satisfação e realização pessoais.

O poder passa; a nossa história fica.

Mesmo os ditadores, ainda que não creiam na finitude, um dia deixam o poder - ou pela morte ou pelo golpe.

Por tudo que acima expus é que reafirmo que o poder é a ilusão dos tolos, motivo pelo qual tenho dó dos que exercem o poder com os pés na cabeça, cultivando apenas o seu ego ou para dele se servir, sem espírito público e sem a dimensão do *múnus*.

Quem assim pensa e age, tende a, no futuro, quando o poder lhe escapar das mãos, ficar sozinho, num ostracismo que já matou de tédio muitos daqueles que, no poder, imaginavam-se super-homens, com superpoderes, acima do bem e do mal.

Quando digo que o poder não deve ser exercido a qualquer custo e que as pessoas encarapitadas nele devem ter a exata dimensão de até aonde podem ir, lembro de uma passagem interessante da história que vale a pena ser lembrada, à guisa de ilustração.

Pois bem. Graciliano Ramos, prefeito de Palmeira dos Índios, mandou recolher os animais que ficavam soltos na rua. O funcionário destacado para cumprir a ordem, depois de um dia exaustivo de trabalho, retornou para fazer um balanço de suas atividades.

Graciliano Ramos o indagou, então:

-E aí, recolheu todos os cachorros?

Ao que respondeu, em tom bajulatório, o funcionário:

-Sim, excelência.

E observou, em seguida:

-Menos o do seu pai.

Graciliano o repreendeu, seca e duramente, traduzindo o que para ele representava o exercício do *múnus* público:

- Prefeito não tem pai.

É isso.



Mistérios

- Por que não há o que temer sobre a Lei de Abuso de Autoridade???!!!
Ora..., porque os abusos serão apreciados pelo Judiciário, o que dá credibilidade a cada caso!!! Hoje os tribunais não punem porque não tem lei!!!



Bom Dia Sociedade
Nossa conversa de todas as segundas-feiras
Orquídea Santos
orquideafsantos@yahoo.com.br



Acesse nossa página no FACEBOOK, ORQUÍDEA SANTOS NA TV, ou através do google (@orquideafsantos) e veja os vídeos que fizeram sucesso durante a semana.



O presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão, desembargador José Joaquim Figueiredo dos Anjos – ao lado de sua esposa Telma dos Anjos – é o aniversariante desta quinta-feira (22). Desejamos muitas felicidades!